

Pensar o animal

Beatriz Mac Dowell*

Resumo: O homem antigo percebia os animais como seres dotados de uma determinada dignidade ontológica. Para ele, esses seres possuíam, além de uma qualidade estética superior, faculdades cognitivas e sensitivas extremamente aguçadas como por exemplo uma capacidade de observação e de previsão que nós homens estamos longe de possuir. A consolidação do monoteísmo significa uma estagnação na concepção dos direitos dos animais. Nele, de forma contrária ao que ocorria dentro da visão religiosa pagã, a natureza vem sofrendo um longo processo de dessacralização. Em conseqüência, categoricamente, impõe-se um abismo entre o mundo dos homens e o mundo dos animais. Fundado no pensamento cristão e no cartesianismo, o Capitalismo, em sua fase industrial, ratifica esse entendimento, reduzindo o animal a pura matéria prima, objeto de consumo como outro qualquer na produção desenfreada de mercadorias. A ciência também é impregnada por essa ideologia, sendo totalmente insensível aos anseios dos animais. Porém alguns filósofos e estudiosos, alicerçados na atual etologia, vêm desenvolvendo pesquisas que reconsideram os animais como objeto positivo de reflexão, as quais estão trazendo resultados significativos no estudo do comportamento animal. Essa parece ser uma esperança de no futuro a humanidade estar mais próxima daquela forma de se pensar o animal.

* Doutora em Filosofia pela Univ. de Strasbourg/ França.

Resumé: *Les penseurs dans l'Antiquité ne séparaient pas la connaissance du sentiment. L'homme, être vivant parmi d'autres, était conçu comme un simple fil dans l'immense toile d'araignée du cosmos. Le monothéisme judéo-chrétien viendra bouleverser cette ancienne conception du monde tout en introduisant une dichotomie radicale entre l'homme et l'animal et situant l'homme au sommet de la création. Les sociétés industrielles modernes ne font que consolider cette vision anthropocentrique du monde reléguant l'animal à la condition de simple marchandise. Toutefois, une nouvelle tendance au sein de la pensée philosophique d'aujourd'hui s'engage à redonner à l'animal sa dignité ontologique perdue, son statut de sujet et de sujet singulier.*

Sumário: 1. A ruptura homem/animal; 2. Descartes e o animal-máquina; 3. Uma nova concepção do animal; 4. Dominique Lestel e o animal-sujeito; 5. Von Uexküll, crítico da «hierarquia natural»; 6. Gilles Deleuze: o *agenciamento* contra a espécie; 7. Visão antiantropocêntrica dos Antigos.

«Poderíamos ter uma nova relação intuitiva com a existência se começássemos a pensar com o coração»¹

Durante muito tempo na história do pensamento ocidental o animal foi considerado um objeto de reflexão menor. Se nas sociedades antigas, desde a pré-história, o animal sempre esteve presente de forma positiva nas artes decorativas, na literatura e mais tarde na filosofia, com o triunfo do cristianismo a imagem do animal só vai se integrar na cultura dominante sob a forma da negatividade, isto é, como o negativo do homem. Valendo-se do dualismo platônico, o cristianismo vai levar ao paroxismo a oposição imanência-transcendência, instaurando definitivamente um abismo entre o mundo dos homens - seres dotados de alma e razão - e o mundo dos animais, mundo obscuro, inferior, irracional, onde o animal, desprovido de alma, só terá lugar como objeto de utilidade para o homem. O monoteísmo judeo-cristão, aliado ao racionalismo grego, é o principal responsável pela introdução dessa

¹ Traduções feitas pela autora do texto.

VON HOFMANNSTHAL, Hugo. *Lettre de Lord Chandos*. Paris: Payot, 2000, p. 87

ruptura inaudita entre o homem e o animal, entre uma transcendência antropomórfica e uma natureza terrestre. O sentimento panteísta antigo vai desaparecer para dar lugar a um humanismo metafísico que vai situar o homem acima e além do restante da criação. Ao contrário das religiões pagãs, o monoteísmo é um longo processo de dessacralização da natureza e do seu correlato: um sistema de sacralização do homem.

Como sabemos, Descartes, pensador do século XVII, vai radicalizar ainda mais a oposição entre mundo humano e mundo animal. Filósofo determinante na construção do racionalismo instrumental moderno com a sua famosa teoria do animal-máquina, seu sistema deixou uma herança conceitual de consequências desastrosas não apenas para o pensamento filosófico mas para a cultura ocidental como um todo. A atividade industrial da era capitalista, reduzindo o animal a pura matéria prima, objeto de consumo como outro qualquer na produção desenfreada de mercadorias, encontrou no pensamento cristão em geral, e no cartesianismo em particular, os elementos fundamentais para a legitimação de todas as suas práticas de exploração e de atos de crueldade contra os animais².

No entanto, se por um lado as práticas de exploração e de extermínio massivas de animais não pararam de se intensificar nessas últimas décadas, por outro lado, uma nova visão do animal começa a se insinuar na nossa cultura. Nos meandros da interdisciplinaridade científica, alguns filósofos e estudiosos do comportamento animal começaram recentemente a reconsiderar o animal como objeto positivo de reflexão. Graças às novas tendências no campo da etologia, muitos preconceitos gerados pelo antropocentrismo cristão têm sido questionados e recusados. A própria filosofia tem aberto uma ampla discussão sobre o estatuto do animal e tenta reabilitar uma visão mais panteísta do mundo onde o dualismo platônico-cristão não tem mais lugar. Vemos surgir sobretudo uma nova etologia em ruptura com a

² Como escrevia Paul Claudel em «Bestiaire Spirituel», «Hoje uma vaca é um laboratório vivo, o porco é um produto selecionado que fornece o toucinho estandarizado. A galinha livre e aventureira é encarcerada. (...) Não há mais laços entre eles e nós. (...) A era do maquinismo e do lucro destruiu esse mundo harmonioso». Citado por E. de FONTENAY in *Le Silence des bêtes*, Paris: Fayard, 1998, p. 255.

etologia tradicional de inspiração behaviorista. Esta, ainda herdeira da visão cartesiana, sempre considerou o animal como uma espécie de máquina natural de estímulo-resposta e sempre orientou as suas observações no sentido de ressaltar a tese da superioridade cognitiva e intelectual humana. Mas, como assinalam muitos etólogos, críticos da metodologia behaviorista, o animal só revela a sua natureza e a sua profundidade no contexto de uma *relação positiva com o pesquisador*, justamente por se tratar de um ser cujo comportamento é extremamente rico e complexo, de um ser sobretudo dotado de sentimentos e de uma inteligência às vezes desconcertante. A etologia cognitiva, dando-se conta disso, passa a estudar os animais no seu *habitat* natural, observando-os no seu grupo, nas relações que tecem uns com os outros, ou no laboratório mas sempre através de uma relação afetiva com o pesquisador.

Contudo, uma nova tendência metodológica vem se afirmando nessa disciplina. Em clara ruptura com a visão dominante da etologia cognitiva, que ainda conserva traços do antigo behaviorismo, essa nova tendência, também presente no pensamento filosófico, introduz uma abordagem revolucionária que vai conferir ao animal o estatuto de *sujeito*. Não mais o animal-objeto, o autômata natural, ou o animal-espécie, mas o *animal-sujeito*, considerado nas suas singularidades e nos seus agenciamentos. A etologia cognitivista, como assinala o filósofo e etólogo francês Dominique Lestel, embora tenha contribuído para derrubar a visão do animal-máquina e destacado as capacidades cognitivas dos animais, «ainda permanece insensível às grandes diferenças interindividuais através das quais essa inteligência se exprime concretamente no animal»³. Os homens ignoraram por muito tempo que os animais possuem uma interioridade e um comportamento afetivo extremamente rico e complexo. Consciente de que na natureza nenhum indivíduo é igual a outro, e que a própria natureza se define pela diversidade e pela invenção contínua de diferenças, essa nova concepção vê o animal na sua condição de agente e de agente *singular*. Dominique Lestel ressalta a necessidade de se considerar o animal como *sujeito* e

³ LESTEL, Dominique. *Les animaux sont-ils intelligents?* Paris: Le Pommier, 2006, p. 51-52

como *singularidade*⁴, pois a etologia, de um modo geral, ainda é bastante insensível às diferenças interindividuais. Cada indivíduo possui particularidades comportamentais e cognitivas que o diferenciam sensivelmente de outro membro de sua espécie. Fator importante na avaliação dessas singularidades é a descoberta que nada é fixo e programado, que os animais possuem também uma história, particular ou coletiva, capaz de transformar as suas características sociais e individuais no curso do tempo.

A etologia atual tem se dado conta de que pouco podemos saber sobre o animal se não tivermos com ele uma relação positiva, respeitosa da sua integridade e dos seus sentimentos. O olhar frio e distante do pesquisador de laboratório em nada contribuiu para o progresso do nosso conhecimento. Dominique Lestel observa que os melhores resultados obtidos nos estudos comportamentais e os mais inovadores, vêm dos pesquisadores que adotaram um tratamento convivial e uma estreita interação afetiva com os animais estudados. É portanto no âmbito de um agenciamento positivo homem-animal que somos capazes de perceber a riqueza do comportamento animal, de suas invenções, seus afetos e suas intensidades. O que não significa que só podemos conhecer o animal «humanizado». Mas podemos descobrir muito mais sobre o sujeito animal através de uma estreita relação com ele do que pela observação distante, supostamente objetiva do cientista de laboratório. Em outras palavras, não se pode conhecer o animal fora de uma relação de *simbiose* ou de *empatia*, pois o que nos aproxima dele é o *afeto*. Querer saber se o animal é capaz de pensar, de calcular, de criar artefatos ou usar símbolos semelhantes aos do homem é somente reproduzir a série de preconceitos e *a priori*s típicos de uma mentalidade, ainda dominante, que fez da suposta superioridade humana o imperativo moral por excelência.

⁴ «Alguns animais desenvolvem uma identidade complexa no âmbito particular das relações que tecem com o ser humano. O homem, tornando-se testemunha da interioridade do animal, suscita, em troca, o desenvolvimento e a dinâmica dessa interioridade». LESTEL, Dominique. *L'animal singulier*. Paris: Seuil, 2004, p. 73

Jacob von Uexküll, importante biólogo que revolucionou a visão científica antropocêntrica do início do século XX⁵, afirmava que o animal não somente é *sujeito* no seu meio, isto é, atribui significado aos objetos que o povoam, mas que cada animal é perfeito no seu mundo. Sua tese vai se opor fundamentalmente à concepção evolucionista predominante, baseada na idéia de uma hierarquia ordenada na escala dos seres vivos, dos inferiores aos superiores, sempre presidida pelo homem. «Todos os sujeitos animais, os mais simples como os mais complexos, são ajustados ao seu meio com a mesma perfeição»⁶. Os mundos perceptivos animais são de uma extrema diversidade, perfeitos e ligados entre si. O que constitui um *mundo* é o conjunto de atividades, de ações que o sujeito desenvolve a partir de uma seleção de objetos aos quais ele atribui valor ou significado em um ambiente dado. Um animal (ou um homem) distingue e atribui significado aos objetos do seu meio em função das atividades que esses objetos lhe permite realizar. Com o número de ações possíveis de um animal, cresce também o número de objetos que vão povoar o seu meio. Portanto, esse meio vai se enriquecer na medida mesma em que as experiências da vida individual de cada animal se multiplicam. «De fato, escreve Uexküll, cada nova experiência implica novas atitudes face a novas impressões. Novas conotações de atividade servindo assim para criar novas imagens ativas». O sujeito é pois em constante relação com os objetos do seu meio e é através dessas relações que suas potencialidades individuais e capacidades singulares vão poder se desenvolver. «Todo sujeito tece suas relações como os fios de uma teia de aranha, com algumas características das coisas, e as entrelaça para formar a rede que vai determinar a sua existência»⁷.

No prolongamento das teses de Uexküll, Gilles Deleuze nos dá uma chave conceitual extremamente importante para se pensar o animal. Os conceitos de *devenir animal* e de *agenciamento* vêm aprofundar a concepção de Uexküll do animal-sujeito. O animal é visto como um

⁵ VON UEXKÜLL, Jacob. *Mondes animaux et monde humain*. Paris: Denöel, 1965, p.29.

⁶ *Op. Cit.* p. 24. E mais adiante: «Por minha vez, nunca encontrei, mesmo nos animais mais simples, o menor traço de imperfeição», p. 157.

⁷ *Op. cit.* p. 29

indivíduo singular, inseparável da rede de relações que estabelece com os objetos que constituem o seu meio e definem a sua história. Todo indivíduo, explica Deleuze, é o resultado de relações que o compõem ou que o decompõem, que o modificam. Em termos espinozistas podemos dizer que essas relações correspondem a intensidades que afetam o indivíduo aumentando ou diminuindo seu poder de ação, ou seja, sua força de existir. O afeto não é um sentimento pessoal mas a efetuação de uma potência graças a uma composição, um encontro, uma associação afetiva entre indivíduos. O animal é portanto menos uma questão de espécie do que uma questão de *indivíduo*, de individuação, já que o *indivíduo* é mais um resultado de relações do que uma identidade isolada. Há um primado das relações sobre o indivíduo. Os etólogos que se perguntam por quê alguns animais como o orangotango aprendem a usar instrumentos em cativeiro e não o fazem na vida selvagem, não entenderam a importância do agenciamento. Um *agenciamento* é um encontro entre elementos heterogêneos, oriundos de ordens ou de naturezas diferentes, através dos quais se criam laços ou relações gerando para os indivíduos um devir comum. É o que chamamos uma *simbiose* ou *empatia*, uma composição de afetos onde um indivíduo passa a ser o prolongamento do outro. Estudar a espécie é ignorar as diferenças, as singularidades que caracterizam cada indivíduo.⁸ Um peixe em um cardume não *pode*, não é capaz das mesmas coisas que o peixe que nada a seu lado. Um animal não se define, portanto, como um exemplar de uma espécie mas pelos afetos ativos ou passivos de que é capaz. Mais precisamente, um animal se define menos pelo seu gênero, seus órgãos e suas funções do que pelas suas estratégias individuais, pelo o que é capaz de realizar, de criar, de sentir, pela plasticidade do seu comportamento, em suma, pela sua *singularidade*. O importante, sublinha Deleuze, não são as filiações, o sistema hereditário, mas as *alianças*; o que importa não é a descendência, mas o *contágio*. Um agenciamento homem-animal é um tornar-se animal do homem e um tornar-se homem

⁸ «Nada sabemos de um corpo enquanto não soubermos o que ele *pode*, isto é, quais são os seus afetos, como podem ou não se compor com outros...». DELEUZE, Gilles, *Mille Plateaux*. Paris: Minuit, 2004, p. 314.

do animal⁹. Daí a famosa constatação de Montaigne que, retomando Plutarco, observa que há mais diferenças entre dois homens do que entre um homem e um animal.

O problema da abordagem moderna da questão animal, é que a legitimidade científica exige a eliminação de todo sentimento na produção do conhecimento teórico objetivo. Ora, é a ciência moderna, produto histórico da razão instrumental, que faz do conhecimento uma exigência de «objetividade», eliminando definitivamente o *pathos* do seu universo. Cada vez que um pesquisador se vê confrontado nas suas observações com uma qualidade (cognitiva ou afetiva) superior no animal, a sua «objetividade científica» remete imediatamente o fenômeno a uma suposta projeção antropomórfica do observador. Apenas as qualidades «inferiores» do animal costumam ser levadas a sério.

Ora, os pensadores da Antiguidade nunca separavam sentimento e conhecimento. O sentimento panteísta pré-cristão concebia o cosmos como uma força viva exprimindo-se de igual modo em cada criatura. Portanto, homens e animais compartilhavam qualidades que posteriormente passaram a ser atribuídas exclusivamente aos humanos tais como inteligência, razão, sensibilidade. Para o homem antigo, os animais possuíam não apenas qualidades estéticas superiores mas também faculdades cognitivas e sensitivas extremamente aguçadas como por exemplo uma capacidade de observação e de previsão que nós humanos estamos longe de possuir. Muitos pensadores antigos davam uma igual dignidade ontológica a todos os seres vivos. Contra todo tipo de antropocentrismo, homens como Pitágoras, Empédocles, Plutarco, Lucrecio, Plínio e Porfírio, entre outros, mostraram que o homem não tem o monopólio da inteligência. Ao contrário, muitas vezes os animais nos dão melhor exemplo de sabedoria no uso das suas faculdades. A hipertrofia da capacidade racional no homem aparece somente como uma forma de compensar uma importante deficiência

⁹ Um exemplo que nos é familiar: O gato doméstico vai desenvolver uma gama muito mais ampla de miados para poder se comunicar com o seu dono, - ser falante por excelência - do que o gato selvagem. Na vida selvagem um gato vai priorizar outros meios de comunicação com os seus congêneres.

das faculdades essenciais para a sobrevivência tais como velocidade, agilidade, força, acuidade visual, olfativa e acústica, memória espacial, intuição, etc, tão flagrantemente presentes no mundo animal.¹⁰ Nenhuma ação é possível sem apelo à razão e a ação é a essência mesma da vida animal. Que os animais sejam capazes de pensar era pura evidência, especialmente para os materialistas, pois onde existe sensação existe também pensamento¹¹, este sendo apenas o resultado da evolução da faculdade de sentir. Evidência também para alguns filósofos e fisiologistas modernos como Condillac que no século XVIII escrevia: «Como é possível que os animais sejam dotados de sentimentos, de sensação, de consciência, de existência e que não tenham ao mesmo tempo a faculdade de pensar?»¹². Mas para além da questão da inteligência, alguns filósofos antigos, como Plutarco em particular, tornaram evidente a superioridade *moral* dos animais¹³. Qualidades como fidelidade, dedicação, espírito de sacrifício, temperança, coragem, deveriam servir de exemplo ao gênero humano, animal arrogante e cruel, incapaz de reconhecer «a infinita paciência desses inocentes»¹⁴.

Sem os instrumentos «objetivos» da ciência moderna, esses pensadores antigos, pela ausência de antropocentrismo e pela qualidade superior de observação que possuíam, conheciam muito mais a

¹⁰ Séculos de progresso tecnológico não permitiram ao homem prever terremotos e outros cataclismas.

¹¹ «Se é verdade que a natureza pôs em nós o entendimento como condição necessária da sensação, não pode existir ser sensível que não tenha ao mesmo tempo a faculdade de compreender.» PLUTARCO, *L'Intelligence des animaux*, Paris: Arléa, 1991, p. 23. E também PORFIRIO: «Tudo o que participa da sensação participa também da inteligência (...). Pois a natureza não deu a sensação ao animal simplesmente para sofrer e sentir...». E mais adiante conclui: «Assim, a propriedade da razão é dada igualmente a todos os seres animados...». *De l'abstinence*, tomo II, Paris: Les Belles Lettres, 1979, pp. 178, 179 e 182.

¹² *Traité des animaux*, Paris, Vrin, 2004, p. 147.

¹³ «Que eu saiba, um leão nunca se deixa escravizar, por covardia, por outro leão, nem um cavalo por outro cavalo como o homem é escravo do homem». PLUTARCO, *op. cit.*, p. 107.

¹⁴ BLOY, Léon, *La Femme pauvre*, citado por E. de FONTENAY, *op. cit.*, Paris: Fayard, 1998, p. 259.

complexidade do comportamento animal do que nossos biólogos contemporâneos, pois não procuravam nas suas observações a confirmação da superioridade humana. Ao contrário, com o espírito mais aberto e a imensa riqueza que uma visão panteísta do mundo oferece, procuravam destacar nos animais aquelas faculdades e capacidades que nos são superiores e não aquelas supostamente inferiores como a ausência de linguagem simbólica ou de razão instrumental.

Contudo, a nossa ciência continua buscando «provas» da inteligência animal. Ainda presa ao dogma mecanicista e cristão do animal-máquina, a mentalidade dominante na nossa sociedade tecno-industrial ainda não conseguiu superar a dicotomia milenar que põe o homem acima das criaturas e no centro do universo.

REFERÊNCIAS:

VON HOFMANNSTHAL, Hugo. *Lettre de Lord Chandos*. Paris: Payot, 2000.

DE FONTENAY, Elisabeth. *Le Silence des bêtes*. Paris: Fayard, 1998.

LESTEL, Dominique. *Les Animaux sont-ils intelligents?*. Paris: Le Pommier, 2006.

_____ *L'Animal singulier*. Paris: Seuil, 2004.

VON UEXKULL, Jacob. *Mondes animaux et monde humain*. Paris: Denöel, 1965.

DELEUZE, Gilles. *Mille Plateaux*. Paris: Minuit, 2004.

PLUTARQUE. *L'Intelligence des animaux*. Paris: Arléa, 1991.

PORPHYRE. *De l'abstinence*. Paris: Les Belles Lettres, 1977.